

**ESCRITOS PARA O LADO DE DENTRO
DAS LENTES DOS ÓCULOS**

(Publicado na *Coyote, Revista de Literatura e Arte*, número 10)

BECKETT

Ao fim de *Esperando Godot*, uma senhora virou-se, dizendo: “Você gostou disso? É horrível! A gente sai de casa para se divertir e tem de ver uma coisa dessas... Me diga, você gostou disso?” Imediatamente, ao meu lado, um casal nos 20 anos confrontou-a: “É demais! A senhora é que não entendeu nada!” Aliviado da necessidade de dar qualquer resposta, achando que o filme havia sido tão terrível para a senhora justamente porque, de alguma maneira, ela o entendera, e que os jovens o adoraram justamente por não o terem compreendido tanto quanto imaginavam, ou seja, por não o terem tão cravado na carne, pensei apenas – como é bom não ter mais 20 nem ainda 75 anos... E poder permanecer em silêncio.

EMILY DICKINSON

Colocar a pergunta certa – o mais difícil. Os poetas, por exemplo, perguntando as *opiniões* de outros – *são bons, os meus poemas?*... Custa-se muito a colocar a pergunta certa. Porque nunca a escutamos antes de sua criação. Às vezes, entretanto, ela é colocada, deixando-nos percebê-la: Emily Dickinson indaga: *Are you too deeply occupied to say if my verse is alive?* Na exclamação que a antecede, a grandeza da pergunta – de quem está muito mais próxima da resposta do que a pessoa a quem a pergunta se endereça: o *estar vivo* como régua, desmesurada, para medir o verso. Na pergunta, Emily manifesta a experiência que conduz o fazer de sua poesia: vida – o único parâmetro para avaliar o poético.

EMILY DICKINSON, II

Se, para alguns, quando dita, uma palavra morre, para Emily, só então, ela começa a viver, no traço de uma diferença: vida e as formas de vida que estão por toda parte – campina, flor, abelha, vespa... e o licor, no licoreiro, contido em sua forma – excelente para ser guardado. Um outro licor, aquele, este, desta vez, desarrolhado, que entra – entra? – sem funil nem dificuldade na garrafa, mas, de dentro – dentro? –, incontível, atravessa vidro e rolha, esparramando-se por todas as formas, a elas, irreduzível – licor para a necessidade extática, entre os lábios, de vida – poesia admirável. Viver – nos dois licores, no contido, beber o esparramado – nascer. Como – ainda – outras ocupações?

STILL LIFE, STILL EMILY

Certamente, uma metafísica do antes e do depois – do anterior à vida e posterior à morte – inicial da criação e exponente do sopro – até se insinua, chamada: Amor, o céu nunca visitado –, Deus, o com nunca conversado. Mas, – da corrida dos segundos – do tropel dos cascos do relógio – de uns poucos dias prosaicos –, sua poética. Do durante. Desinteressado dos pedigrees, qualquer momento – aristocrático: experimento constante da natureza. Por isto, ela chama – Brasil –, – este intensivo – diante do qual tudo empalidece, e nada mais ela pede. Como quem aprende água pela sede. Sede de água encontrada, – Vida –, que vibra – cuidado! – por debaixo das incisões, a todo instante, – pronta – para saltar.

CLARICE LISPECTOR

Num livro, uma frase – uma ferida. Contaminada. Um vírus, à espreita, para se espalhar. Sem uma ferida, que se propaga, não há frase, não há livro. Sem uma ferida, não há leitor. Num leitor, em algum lugar impalpável, uma ferida, mas não a frase contaminada. A diferença do livro: espalhar, não a ferida – que esta, sem ela, não há leitor –, mas, além de cutucar, de dentro, a ferida, espalhar o vírus, na outra ferida, até então imunizada. A frase, o livro – uma contaminação. O leitor, ferida viva, tenta – esparadrapá-la. Consegue: esparadrapa a frase. Não o vírus. Que o invade. Um outro leitor, desse livro, página contra o sol, descobre a frase: *Pedir? Como é que se pede? E o que se pede? Pede-se vida.* E vejo, então, o que já me contaminara.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

Às vezes: o precipício convulsivo de um arranha-céu – um homem. Com um rolo compressor, uma força o obriga a arrastar o abismo à superfície. No emaranhado, de tão profundo, comprime-se, e o mundo, em garrafas, garfos, botas, fazendo-os, ao invés de quebrar, reluzir – de escuridão. Um dia, por profundidade, um plano... as entranhas do mundo em cada pele. Entre derrocada e tonificação. As palavras de que se precisa. Escrita. O fio, que, ao fiar, desfia, e desafia: a articulação: o precipício e a superfície na mesma linha. Isto, as *obrigações*. Um risco. A sutileza, tanta, que, talvez, desapercibida. Por quem? Pelo homem, não pelo acreditado além.

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

O charme – dorido – dos solitários. Dos periféricos. Dos desenraizados. Dos que têm três países na mesma língua. Dos que não tem – uma – a mesma – língua: os políglotas em suas línguas – impróprias. O charme – dorido – dos que, a cada conversa, são freqüentados – menos pelas palavras do que – por sua fuga. *As palavras me fogem... As palavras me fogem...* Força abrupta e – progressivamente interruptiva – da bruteza isquêmica de um corpo autônomo que, dorido, na imediatidade dos nervos, gagueja sua impossibilidade retornante – num quase puro ruído de um último sentido ainda audível, o de uma firme lataria rasgando – impactante – uma carne: *As palavras me fogem... As palavras me fogem...*

EMMANUEL CARNEIRO LEÃO

A qualquer momento. Em qualquer lugar. O pensamento. Desde que – improvisado –, saltando, aberto. Pelo esbarro do instante, impulsionado. Imerso na criação – seu único de antemão. A fala. Palavras que se encontram do lado de dentro das lentes dos óculos. Para, por elas, palavras, mais do que fazer ver o mundo, fazer – transvê-lo. No rápido cotidiano, em qualquer diálogo, alheia a perguntas e respostas, a plena suspensão, admirária. Como quando presenteado: Eu não gosto de vinho, obrigado. Disseram-lhe: Mas este é um Romané Conty! E ele: Quanto melhor o vinho, mais – essencialmente – vinho ele é, assim, para quem não gosta de vinho, quanto melhor, pior ele é.

ZEN

No meio da névoa,
uma só luz, amarela;
agora, nem ela.

Sem capacete. Nem barra de proteção. A velocidade do mundo deslizando. Vazio. Confundido com todas as coisas. Delas, um quanto – audível – de nomes. Instável. Mas menos que o outro. Este, mais veloz ainda, ainda mais instável. Um quanto – inominável. Deixar a palavra acelerar-se. Juntando um quanto a outro. Flagrá-la – quase inaudível – na aceleração máxima, por um triz imperceptível. Flagrá-la, ainda mais: palavra – num único quanto. No quadro de porcelana, a monja rabiscava a palavra – “zen” –, num puro movimento sem vestígios (ah, a falha do pilot!). Nervosos, a monja e a nova caneta, que, agora, escrevia. A gargalhada me explodia – até parecia que o monge era eu.

MANOEL DE BARROS

Recém-chegado ao jantar, de fraque branco encardido, dizia-se: Deus. Indubitáveis, os sinais – a roupa, o ígneo cabelo em desalinho, a barba por fazer, a Bíblia de cor e salteada, o sebastianismo com seus mistérios... E não parava por aí... Que cada um fizesse uma pergunta. E fizeram – as maiores: *Por que o sofrimento humano?; O que é a verdade?; E a felicidade?; Como recebê-Lo no coração?...* A todas, eloqüentemente, respondia. Sem dar-me chance, obrigava-me à pergunta. Apropriei-me, por fim, do poeta: Por que *a quinze metros do arco-íris o sol é cheiroso*? Eis que Deus mediu distância, umidade, calor... Emputeceu-se: *Essa não vale, isso é sacanagem comigo!* Pois é, meu caro, poesia que é poesia desbanca até Deus.

GILLES DELEUZE
(o que subjaz)

... um quase nada, um nadar, atravessa um rio, carregando em seu dorso o que nele sobrejaz: um peixe, uma anta, uma capivara, um hipopótamo, um homem, tanto faz, se tudo o que é visto da margem, pasmando-a, é uma força que com a da água se confunde, deslocando-se, uma mesma escuridão de toda água noturna que com a noite se mistura, só um brilho qualquer – um quase nada, um nadar – vagamente se ilumina, mal se distinguindo da noite, suficiente apenas para o pasmo da margem, que não vê se é um peixe, uma anta, uma capivara, um hipopótamo, um homem, não vê, nem precisa ver, o que sobrejaz, mas apenas, num pasmo, um quanto, um quase nada, um nadar, que atravessa um rio, uma noite...

AUTOBIOGRÁFICO

Em família, sempre fui tido por poeta difícil, ilegível. Como ninguém é profeta em sua terra, uma cunhada perguntou a um escritor que morava fora: É sério mesmo – ou pura embromação? Ria-me da fama. No último lançamento, carinhosamente, um tio me disse: Antes, não entendia nada de seus livros, agora, não entendo nem o título! Em seguida, sua neta de oito anos, sentada no chão do corredor do shopping, encostada no vidro da loja de balas toda colorida, lia, compenetradamente, os *Escritos da Indiscernibilidade*. Meu tio lhe perguntou: Você está entendendo alguma coisa? De soslaio para não desviar o olhar do livro, na bucha, Juju respondeu: Tudo! Nada como leitores com o pensamento inda não viciado.